

A NOVA DESORDEM MUNDIAL*

Benedict Anderson **

*A terceira fantasia é que as
"corporações transnacionais"
de certa maneira tornaram
o nacionalismo obsoleto.*

É muito provável que os historiadores dos anos 2050, ao olharem em retrospectiva para o século que está se encerrando agora, destaquem, como um movimento tectônico profundo que se estende por mais de dois séculos, a desintegração dos grandes impérios monárquicos poliétnicos, políglotas e freqüentemente poli-religiosos, construídos tão arduamente durante a Idade Média e nos primórdios da Era Moderna***. Em muitos casos a desintegração foi acompanhada por grande violência e freqüentemente seguida por décadas de guerras civis e interestatais. Por volta de 1770 nasceu o primeiro Estado-Nação na América do Norte, devido a uma resistência armada ao império britânico, mas esse Estado foi internamente tão dividido que subsequentemente suportou a mais sangrenta guerra civil do século XIX. Depois do prolongado colapso do império hispânico entre 1810 e 1830, apareceram os brutais despotismos, rebeliões e disputas civis que perduram na América Latina até nossos dias. Como resultado da Primeira Guerra Mundial de 1914-1918, os impérios dos Hohenzollern, dos Habsburg, Romanov e Otomano se desintegraram, deixando em seu rastro uma plêiade de Estados-Nações pequenos, fracos e geralmente instáveis na Europa Central e do Leste, bem como no Oriente Médio. A queda do império de Ch'ing em 1911 inaugurou duas gerações de guerras ci-

vis na China. A partição da Índia Britânica, a violência interétnica maciça do Sri Lanka, a guerra de trinta anos no Vietnã, o conflito civil contínuo na Irlanda do Norte, o colapso sangrento do império etíope, os horrores em Uganda e no Zaire - todos de forma diferente podem ser vistos como manifestações do mesmo processo longo.

Parecendo contracenar com este movimento tectônico - que envolve logicamente tanto a libertação como a desintegração - estava o comunismo em sua forma internacionalista primitiva. O êxito da Revolução Bolchevique no coração do império evaporado dos Romanov permitiu a Lenin e seus associados reagrupar muitas peças deste império durante os primeiros anos da década de 20 do nosso século. Mas a União Soviética não considerava a si mesmo como um novo Estado-Nação, mas como uma espécie de modelo para o futuro, onde o nacionalismo como princípio político seria finalmente suprimido. De fato, por um tempo, sob o controle centralizado de um Partido Comunista multiétnico e militante, o nacionalismo foi reduzido em geral a uma etnicidade "cultural" politicamente insignificante.

Esta fase, no entanto, não foi muito longa. Numa reviravolta, sob o feroz ataque do exército de Hitler, Stalin e seus associados descobriram que encorajar o nacionalismo era crucial para o esforço de guerra. No famoso discurso pronunciado a 7 de novembro de 1941, o secretário-geral do PCUS insistiu com seus ouvintes: "Que a imagem varonil de nossos grandes antepassados, Alexander Nevsky, Dmitri Donskoi, Kuzma Minin, Dmitri Pozharsky, Alexander Suvorov e Mikhail Kutuzov vos inspirem nesta guerra"¹. A atual próspera Europa esqueceu quanto deve a Stalin e ao nacionalismo russo pela destruição do império nazista. Mas em consequência, após

a guerra, tornou-se impossível agregar os Estados comunizados da Europa Oriental à URSS, e isto deu início à pluralização de Estados comunistas sustentando nomes nacionais. Após a Europa Oriental, apareceram Iugoslávia, Coreia do Norte, China, Cuba e Vietnã, Laos e Cambodja. Em 1979, a primeira, e possivelmente a última, eclodiu uma guerra entre Estados comunistas, quando o Vietnã invadiu o Cambodja e a China invadiu o Vietnã. A lógica histórica já era então visível, embora em geral despercebida. O nacionalismo pode ser detido mas não permanentemente reprimido ou invalidado. Assim, durante os anos 80, o império stalinista estava implodindo do mesmo modo como o de Churchill havia implodido. Enquanto

1. Alexander Nevsky derrotou o exército sueco às margens do rio Neva em 1240, Dmitri Donskoi expulsou os mongóis das margens do Don em 1380, Kuzma Minin e Dmitri Pozharski expulsaram os poloneses de Moscou em 1612, levando à fundação da dinastia dos Romanov; Alexander Suvorov foi o general que projetou-se no reinado de Catarina, a Grande, Mikhail Kutuzov - graças à enérgica promoção de Tolstói - foi sobejamente conhecido como o antagonista bem sucedido de Napoleão em 1812. Em outro discurso deste ano, Stalin referiu-se mais extensamente, aos alemães como um povo desprovido de consciência e honra, um povo com a moral dos animais (que) teve o descaramento de clamar pela destruição da grande nação russa, a nação de Plekhanov, de Lenin, de Belinsky, Chernichevsky, Pushkin, Tolstói, Glinka, Tchaikovski, Gorki e Tchekov, de Pavlov e Chechinov - e de Kutuzov.

* Traduzido por Dina Lida Kinoshita de *New Left Review*, n° 193, de maio de 1992, pp. 3 a 12.

** Benedict Anderson é professor de Estudos Asiáticos da Universidade de Cornell (EUA). Tem vários trabalhos publicados, entre eles, *Nação e consciência nacional* (Ática, 1989).

*** Este texto é uma versão revisada e expandida de uma conferência gravada pela Australian Broadcasting Corporation, em Ithaca, NY, em 05/12/1991.

isso, também em consequência da Segunda Guerra Mundial, os impérios colonialistas burgueses da França, Inglaterra, Holanda, Bélgica e mesmo o de Portugal entraram em colapso, criando no final dos anos 70 as Nações Unidas com o quádruplo de membros dos que criaram a pioneira Liga das Nações meio século antes. A última reencarnação de um império pré-moderno é a China, onde Mao-Tsé-Tung, folheando tanto os livros de Stalin como dos Filhos do Sol, tentou heroicamente criar um Estado socialista sobre fundações imperiais. Mas ele foi denominado República Popular da China, e isso representou desde o início um esforço perdido para alcançar o pequeno invólucro justo do nacionalismo sobre um vasto império multiétnico, multi-religioso e multilingüístico. Podemos lembrar da França por volta de 1950, que ainda incluía a Argélia como parte da metrópole, e que lutou numa guerra horrível, brutal e fútil para manter as coisas como estavam. E portanto bem possível que o império de Mao também desmorone, pelo menos nas suas bordas. Taiwan já é efetivamente independente. O Tibet pode segui-la e talvez as zonas turcas e mongóis da China em seguida². Não há razão para pensar que os últimos impérios morrem mais pacificamente ou que as consequências de sua morte são menos tormentosas.

Fantasia perigosa

Em que perspectiva faz sentido refletir sobre tudo isso? Há, eu creio, quatro noções errôneas que devem ser descartadas desde o início. A primeira é que o que está ocorrendo é a "fragmentação" e "desintegração" - com todas as conotações ameaçadoras e patológicas que estas palavras carregam consigo. Pois esta linguagem nos faz esquecer as décadas ou séculos de violência com que os "Estados integrados franksteinianos", tais como o Reino Unido de 1900, que incluía toda a Irlanda, foram construídos. Como não considerar tais "integrações" como patológicas quando vemos hoje a calma coexistência da República Irlandesa e do Reino Unido, o primeiro estabelecido desde 1921 - após décadas de freqüentes repressões violentas e resistência? Ou quando observamos o brutal estado de guerra que ainda perdura na "integrada" Irlanda do Norte? Por detrás da linguagem da "fragmentação" encon-

tra-se sempre o conservadorismo panglossiano que gosta de imaginar que todo *status quo* é exatamente normal.

A segunda noção, que é relacionada a isso e surge parcialmente da primeira, tem a ver com a relação entre capitalismo, mercado e tamanho do Estado. Comentaristas sem muita reflexão, tanto à esquerda como à direita, freqüentemente assumem que os "pequenos" países, com recursos limitados de materiais e trabalho, são de alguma maneira países "irreais" ou "pouco" viáveis face aos gigantes industriais e às exigências da economia capitalista mundial. Essa maneira de pensar remonta aos primórdios do moderno mercantilismo, e foi fortalecida no final do século XVIII pelo nacionalista americano Alexander Hamilton, e em meados do século XIX pelo nacionalista alemão Friedrich List, o qual advogava a favor de Estados-Nações "grandes", sob o fundamento de que somente estes tinham um mercado interno suficientemente grande para permitir "soberania econômica" e um lugar competitivo no mundo industrializado.

Mas estudantes revisionistas de política econômica argüíram que numa economia mundial altamente interconectada é freqüente países pequenos, etnicamente e religiosamente homogêneos funcionarem melhor. Na Europa eles apontam para os Países Baixos e Finlândia, Noruega e Áustria, em comparação com Itália, França e Reino Unido. Na Ásia eles se referem à Coreia do Sul e Tailândia, Singapura e Japão em comparação com Índia, Indonésia, Sri Lanka ou Paquistão. O argumento é muito simples. Ele consiste em que tais países pequenos e homogêneos têm um senso de solidariedade nacional especialmente forte, tornando mais fácil aos líderes políticos e econômicos a solicitação de sacrifícios sem grande coerção para desenvolver relações industriais mais suaves e efetivamente buscar *nichos* especializados na divisão internacional do trabalho. Inversamente, gigantes domesticamente perturbados como os Estados Unidos ou a Índia enfrentam dificuldades políticas enormes em dirigir e renovar sua economia nacional no ambiente contemporâneo.

A terceira fantasia é que as "corporações transnacionais" de certa maneira tornaram o nacionalismo obsoleto. No fim das contas, dizem, vemos que a General Electric está abandonan-

Os dois fatores mais significativos na geração do nacionalismo e da etnicidade são ligados estreitamente ao ascenso capitalista

do a América de altos salários para construir suas novas fábricas na Venezuela e Zâmbia de mão-de-obra mais barata, bem como designar venezuelanos e zâmbios como diretores e gerentes locais. Esse ponto de vista, no entanto, subestima os fatos óbvios de que o controle efetivo da General Electric tem preponderância de cidadãos americanos, que vivem nos EUA, são politicamente ativos nos EUA e podem ter antagonismos com as "transnacionais" japonesas, alemãs ou francesas. Sua indiferença com os destinos dos trabalhadores americanos não é totalmente nova e de fato é mais fácil vencê-la devido ao vasto tamanho dos EUA.

A quarta noção errônea é de que há alguma conexão impenetrável entre capitalismo e "paz", tal que o "mercado livre" é intrinsecamente contraposto não só à economia de comando mas à guerra. Esta idéia cai por terra face a todas as evidências históricas. Nenhum país batalhou em mais guerras no século XIX que o "livre comércio" da Grã-Bretanha. Nenhum país se envolveu em mais guerras na segunda metade do século XX que o "livre mercado" dos EUA. Ambas as guerras mundiais foram instigadas pelos gigantes capitalistas.

Todas as quatro fantasias não são apenas profundamente conservadoras. Embora os poderosos líderes dos grandes países de fato acreditem nelas, elas são nocivas, pois elas têm o efeito cumulativo de encorajar tais povos a imaginar que eles mantêm a paz e o progresso, enquanto seus adversários apóiam os

² A bem da verdade, os Han formam a vasta maioria da população chinesa, e esse peso demográfico pode militar contra separatismos bem sucedidos. Mas não se deve esquecer a história de fissiparidade política entre os próprios Han. Nos últimos 150 anos a China esteve por mais tempo dividida que unificada.

Em conjunção com a extensão das doutrinas políticas do republicanismo, liberalismo e democracia popular, o capitalismo inicial leva às massas, através da mídia, o imaginário de um novo tipo de comunidade: a nação.

nacionalismos "estreitos", as secessões e geralmente o "terrorismo". Por outro lado, este ponto de vista encoraja-os a não reprimir as potências militares preponderantes e sua disposição de fazer prevalecer seus desejos. Como exemplo simples temos a sangrenta "integração" da velha colônia portuguesa do Timor Leste na Indonésia, que entre 1975 e 1980 causou perdas humanas equivalentes a um terço da população local. Hoje, face à ousada resistência a essa "integração", o regime de Jacarta prepara-se para uma maior repressão contra os "desintegracionistas", "separatistas" e elementos "anti-indonésios". Qualquer pessoa sensível sabe que toda violência significativa cessaria no minuto em que Jacarta concordasse em sair do Timor Leste e deixar seu povo infeliz e heróico só.

Imaginações modernas

O que então conta para o poderoso impulso do nacionalismo e sua muito menos respeitável e jovem relação étnica? E como estão os dois relacionados? Dois tipos comuns de explicação não podem sustentar-se através de investigações sérias. Uma é a que afirma que são criaturas naturais do descontentamento econômico e privações relativas. É verdade que vários movimentos nacionalistas e étnicos são constituídos sobre, ou explorados por tais descontentamentos. No entanto, alguns descontentes utilizam uma vasta variedade de outros, às vezes competitivos, movimentos sociais - socialistas, comunistas, religiosos, milenários e outros. Nem por isso muitos desses competidores, por uma variedade

de razões, parecem ter perdido sua força ideológica nos tempos atuais. Assim o nacionalismo e a etnicidade podem mover-se facilmente no seu lugar. Vemos uma boa amostra nas atuais sociedades de Leste europeu em transformação, onde antigos fiéis stalinistas estão se tornando ferrenhos nacionalistas. A outra explicação, tipicamente proposta por líderes políticos dos movimentos nacionalistas e étnicos, é a de que eles representam profundas memórias históricas e comunidades tradicionais. De fato, no entanto, tais movimentos são imaginários modernos e nenhum remonta além do último quarto do século XVIII. A verdade é que é exatamente sua modernidade que empresta ao nacionalismo e à etnicidade seu poder contemporâneo.

Os dois fatores mais significativos na geração do nacionalismo e da etnicidade são ambos ligados estreitamente ao ascenso capitalista. Eles podem ser descritos sumariamente como comunicações e migrações de massa. Até o século XIX a vasta maioria do povo mesmo nos países mais avançados nunca aprendeu a ler ou escrever, e a maioria vivia e morria próximo aos locais onde seus ancestrais haviam vivido e morrido antes deles. Mas o capitalismo, e em especial o capitalismo industrial, mudou tudo isso, primeiro na Europa e nas Américas e, mais tarde, com velocidade crescente, ao redor do resto do mundo.

O capitalismo associado à tecnologia da impressão criou nos primórdios dos tempos modernos uma produção expressiva de livros em línguas vernáculas. No século XIX aparecem os jornais de massa, consumidos não somente pelos leitores de livros pertencentes às classes médias, mas pela emergente classe operária, que apesar de sua origem camponesa teve que ser alfabetizada para funcionar efetivamente na indústria e no seu novo ambiente urbano. Os governos preocuparam-se com as necessidades capitalistas de mão-de-obra instruída e em sua própria circunscrição com as máquinas militares industrializadas; assim começaram a desenvolver modernos sistemas de educação com livros-texto, currículos e exames padronizados - no vernáculo politicamente dominante (o imperialismo rapidamente estendeu estas estruturas e hábitos aos territórios colonizados). Em conjunção com a extensão das doutrinas políticas do republicanismo, liberalismo e democracia popular, o

capitalismo inicial leva às massas, através da mídia, o imaginário de um novo tipo de comunidade: a nação. No século XX, com o desenvolvimento do rádio e da televisão, esses impulsos foram enormemente reforçados e se expandem ainda mais na medida em que as mensagens tornam-se acessíveis às pessoas que não necessitam ser muito versadas no vernáculo dominante, uma vez que as mensagens passam a ter uma linguagem coloquial, com um imediato audiovisual que a imprensa raramente pode igualar.

Migrações em massa e o mercado do trabalho

As migrações em massa também adquiriram um novo caráter no princípio dos tempos modernos, uma vez que eram estimuladas menos por desastres e guerras e mais pelo comércio e pelo desenvolvimento, no capitalismo, de transportes de longa distância, cada vez mais rápidos e mais seguros. Durante os séculos XVII, XVIII e XIX, milhões de europeus minimamente livres e milhões de africanos escravizados atravessaram o Atlântico rumo às Américas. No século XIX apareceu um fluxo de mercado extraordinário e induzido pelo Estado de não europeus de um continente a outro. Chineses para a Califórnia, sudeste-asiáticos para a Austrália; hindus para a América do Sul, África, Sudoeste Asiático e Oceania, seguidos por armênios, libaneses, árabes e muitos outros. Em nosso tempo o passo é rápido e parece acelerar sua velocidade, graças ao trem, ônibus e avião: coreanos no Canadá, filipinos na Itália, tailandeses no Japão, turcos na Alemanha, hindus na Inglaterra, argelinhos na França - contados às dezenas ou centenas de milhares. Na verdade, muitos são "impelidos" por repressões políticas em suas pátrias, mas a maioria é "puxada" exatamente pela força - o mercado - que George Bush imagina como força da paz e da ordem, mas toda a história moderna mostra ser a instituição profundamente mais subversiva que se conhece.

Os corpos humanos assim apinhados no redemoinho do mercado não são meramente uma outra forma de mercadoria. À medida em que seguem na esteira do grão e do ouro, borracha e têxteis, petroquímicos e chips, eles carregam consigo memórias e costumes, crenças e hábitos alimentares, músicas,

desejos sexuais. E estas características humanas, que em seus lugares de origem são adotados de forma usual, inconscientemente, assumem rapidamente uma diferença drástica e saliente nas diásporas da vida moderna. Não é por acidente que a estréia do nacionalismo histórico ocorre nas Américas entre descendentes de escoceses e castelhanos que herdaram a língua e a religião dos escoceses e espanhóis da Europa, embora raros entre eles tenham chegado a conhecer estes países europeus. As metrópoles tratavam-nos com desprezo como "criollos" ou "colonos" - como se fossem europeus não europeus - e isso impôs, à falta de apego ao lugar de origem, uma identidade eventualmente fundida com a união a seus lares não europeus, para criar a possibilidade de se tornarem mexicanos, venezuelanos e americanos. Tais povos, no entanto, são particularmente afortunados se comparados a seus sucessores em qualquer lugar. Embora possam parecer "deslocados" aos olhos das metrópoles imperiais, eles continuam sendo mais ou menos "brancos", ainda falam línguas e ainda seguem religiões européias. Eles não podem ser tratados com toda a brutalidade infligida aos índios, africanos e asiáticos. Além do que, eles seguiram o mercado para fora da metrópole, não para dentro dela. Nas Américas eles rapidamente tornaram-se os senhores das populações indígenas (após a independência das metrópoles, eles encorajaram enormes imigrações da Europa não britânica e não espanhola para consolidar sua dominação e promover acumulação no ambiente de escassez de trabalho). Mais tarde, apenas na Austrália, Nova Zelândia, Canadá e África do Sul este exemplo pôde ser seguido. Em todos os mercados de migrações posteriores, as pessoas moveram-se da periferia para os centros, e elas não tiveram escolha a não ser tornarem-se subordinadas sem nunca terem sido encarados sequer como "europeus deslocados".

A escala e a velocidade de deslocamento de migrações dos modernos mercados tornam qualquer forma tradicional de assimilação gradual ao novo meio muito difícil. Face à perplexidade com o meio estranho é de se esperar que os migrantes procurem-se uns aos outros para ajudas morais e econômicas - e assim eles se aglomeram em guetos pequenos ou grandes - em Detroit, Berlim, Huddersfield, São Paulo ou Marselha.

Mais sério ainda é que o capitalismo paradoxalmente os isola de maneiras estranhas, em suas amarras pátrias. Por um lado, eles poderiam em princípio ir-se para casa facilmente pelos mesmos navios, trens, ônibus e aviões que os trouxeram originalmente de seus lares. O telex, o telefone e o correio encorajam-nos a manter-se em contato com a pátria de forma inimaginável nos séculos anteriores. Assim, então, muitos sonham com uma migração circular ao invés de encontrar um novo lar permanente, mesmo que no final se estabeleçam em alguma parte. Mas não são apenas memórias locais e familiares que eles carregam consigo. O capitalismo tem seu próprio meio de ajudá-los a imaginar uma identidade mais mediada. Podemos lembrar uma famosa fotografia de um gasterbeiter peloonesiano sentado melancolicamente em seu quarto minúsculo em alguma cidade industrial anônima da Alemanha - Stuttgart, talvez? O detestável cubículo é desprovido de qualquer decoração com exceção de um poster do Partenon produzido em massa pela Lufthansa para as agências de viagem, cujo texto, em alemão, convida quem o contempla a passar férias na Grécia ensolarada. Esse Partenon da Lufthansa obviamente não é uma memória real para o operário melancólico. Ele colocou-o na parede porque pode tê-lo como um signo para a "Grécia" e - na sua miséria em Stuttgart - para imaginar uma etnicidade que apenas Stuttgart encorajou-o a imaginar.

Por outro lado, o aparecimento em massa, em comunidades assentadas de milhares de imigrantes, acaba produzindo sua própria etnicização. O movimento neofascista de Le Pen na França encontra seus apoios mais fortes entre dois grupos antes visivelmente antagônicos: os trabalhadores que eram fiéis apoiadores do Partido Comunista Francês, mas cuja variedade humilhada encontra-se exatamente onde os pobres imigrantes são compelidos a aglomerar-se; e os antes "pied-noir" (os colonos brancos), elementos que abandonaram a Argélia em 1962 e que, apesar de seus antepassados malteses, italianos, espanhóis e levantinos, sentem-se mais que tudo franceses. Os neonazistas e skinheads nos recentes episódios de violência na Alemanha unificada, o Front Nacional no Reino Unido, os extremistas do "White Power" nos EUA - todos eles consideram-se "eticamente" como os verdadei-

... a escalada da Guerra Fria sinalizou duas superpotências em um confronto global que combatiam principalmente através de seus procuradores na periferia, precisamente porque as duas potências estavam aterrorizadas pela perspectiva de uma guerra nuclear entre si.

ros alemães, ingleses ou americanos - também são em parte respostas aos fluxos de trabalho criados em escala maciça pelo capitalismo mundial contemporâneo.

Convergências perigosas

Há uma outra maneira pela qual o mercado tem contribuído à nova desordem mundial e ele tem intersecção com as mudanças esquematizadas acima. Nos primórdios da industrialização, as indústrias de munição nos Estados avançados do Ocidente operavam largamente fora do mercado. Elas possuíam tipicamente um único freguês: o Estado. Produziam mercadorias de acordo com as especificações deste freguês, os preços eram administrados e, devido às rivalidades imperiais, eram em geral circundados por um muro de segredos. Mas por volta de 1880, alguns gigantes das armas, por exemplo Armstrong na Inglaterra e Krupp na Alemanha, romperam as amarras do Estado monopolista e passaram a construir um mercado mundial de armas infame. Caracteristicamente, esses conglomerados de compradores do mercado livre eram Estados fracos, periféricos e agrários, incapazes de construir as indústrias químicas e metalúrgicas de alta tecnologia necessárias para a fabricação de armamentos modernos para si em escala de massa. Então os armamentos britânicos e americanos fluíram para os Estados recentemente independentes da América do Sul e os armamentos alemães sobretudo para o Leste europeu e o Império Otomano.

O mundo atual é repleto de exércitos que jamais lutaram contra um inimigo externo, mas que seguem atormentando seus próprios cidadãos.

Por razões específicas, este processo se acelerou após a Primeira Guerra Mundial. O primeiro foi o colapso dos impérios Romanov, Habsburg, Otomano, Hohenzollern e Ch'Ing e a proliferação nos escombros de uma hoste de novos Estados-Nações fracos e agrários, também completamente incapazes de se autoarmarem. A segunda se deve à velocidade com que os armamentos se tornavam obsoletos à medida em que o ritmo das invenções se acelerava: em uma geração nasceram aviões, submarinos, porta-aviões, tanques e gases venenosos. A grande indústria armamentista estava agora no negócio de fornecer a seus principais fregueses as máquinas de guerra mais avançadas e caras possíveis, mas também vender mais barato os obsoletos no mercado mundial.

A lógica destes desenvolvimentos só se aprofundou após a Segunda Guerra Mundial, quando as inovações tecnológicas tiveram uma maior aceleração e à medida que o número de Estados fracos e agrários proliferava ainda mais. Mas, na essência, duas novas condições agravaram a situação. Por um lado, como resultado da crise do petróleo de 1973, o mundo viu pela primeira vez Estados fracos e agrários, porém imensamente ricos, tais como a Arábia Saudita, Irã e Iraque, que tiveram o poder de adquirir armamentos "de primeira classe" dos centros industriais. Por outro lado, a escalada da Guerra Fria sinalizou duas superpotências em um confronto global que combatiam principalmente através de seus procuradores na periferia, precisamente porque as duas potências estavam aterrorizadas pela perspectiva de uma guerra nuclear entre si. Tratados como assunto de política estatal, os programas de assistência militar desenvolvidos em larga escala, em grande parte fora do mercado internacional, na medida em que a fatura dos beneficiários era

frequentemente paga pelas próprias superpotências. Devido a isso ocorre a maciça escalada militar de 1960, 1970 e 1980 no Oriente Médio, Sul, Sudeste e Leste da Ásia, América Latina e mesmo na África. O caráter da competição das superpotências na periferia também encorajava ambas as partes a venderem ou concederem armas bastante sofisticadas a clientes que não são os dirigentes dos Estados-Nações: guerrilheiros, rebeldes, terroristas e contra-terroristas, sobretudo em zonas onde a superpotência rival é hegemônica. Podemos lembrar as operações americanas contra o Afeganistão pró-soviético, Angola e Cuba e as operações soviéticas contra a África do Sul pró-americana e várias partes da América Latina. Em um número substancial destes casos, o apoio militar da superpotência era proporcionado a um subgrupo que, em maior ou menor grau, definia a si em termos nacionalista, étnico ou racial. (A tentação era particularmente grande na Ásia e África. Assim, os imperialistas do século XIX e XX "integraram" à força, à custa dos arames farpados coloniais, uma imensa variedade de constituições políticas mais antigas, grupos etnolinguísticos e comunidades religiosas. Os Estados sucessores que adquiriram a independência após a Segunda Guerra Mundial foram, portanto, peculiarmente vulneráveis à manipulação externa de sentimentos étnicos)³.

O exemplo das superpotências foi rapidamente seguido pelas potências intermediárias: países industrializados mais fracos que conseguiram uma relação especial com uma superpotência, como Israel, ou excedente de riqueza, como o Irã. Pelo menos alguns destes Estados tentaram nuclearizar-se apesar dos esforços do clube dos países que detinham tal tecnologia tentarem manter exclusividade nesta área. Finalmente, um número substancial de Estados do Terceiro Mundo, incapaz de produzir armamentos sofisticados por si, evidenciaram rapidamente o desvio de armas recebidas ou compradas dos centros para grupos de oposição amigos nos Estados vizinhos com os quais têm sérios conflitos (por exemplo, o apoio militar da Tanzânia aos opositores de Idi Amin, ou a Índia armando os velhos bengaleses rebeldes contra o velho Paquistão).

Até certo ponto é plausível argumentar que o fim da Guerra Fria e a implosão da União Soviética podem em

certa medida reduzir o fluxo de armamentos ao redor do mundo. Mas a contribuição de Moscou a esse fluxo foi sempre substancialmente menor que o de Washington, quanto mais do Ocidente como um todo. Além do mais, ele era largamente direcionado aos Estados e fora do mercado. Ao mesmo tempo, meio século de Guerra Fria criou imensos complexos militares industriais no Ocidente, que vão tentar resistir com muita força à restrição ao seu alcance, além do que o mercado mundial de armamentos - com um novo contingente de compradores no Leste europeu - permanece um imã irresistível. A própria produção de armas disseminou-se rapidamente além dos centros tradicionais - Brasil e Argentina, Israel, Índia, China e mesmo lugares como a Tailândia e a Indonésia. É até possível que o declínio do temor mundial de uma guerra nuclear total vá estimular o trabalho do mercado, no sentido de que a pressão de vender seja menos inibida por considerações estratégicas maiores e/ou morais.

Desde o início do nacionalismo, fundamentado numa cultura cuja idéia é a soberania popular, foi aceito *a priori* que um dos guardiães centrais desta realidade de soberania seria um exército nacional. Mesmo em comunidades industrializadas centrais como a Alemanha, França e Japão, no entanto, esses exércitos nacionais logo exerceram um papel central na política interna. Nos Estados fracos e periféricos, militares bem armados e treinados no exterior, cada vez mais se voltavam para assuntos internos, como mostra a experiência latino-americana doséculo XIX. O mundo atual é repleto de exércitos nacionais que jamais lutaram contra um inimigo externo, mas que seguem atormentando seus próprios cidadãos.

Entre as muitas razões para esta introversão, especialmente na periferia ex-colonial, temos o próprio processo de descolonização, bem como as tentações impostas pela ausência generalizada de forças domésticas de oposição nas nações pobres ainda essencialmente agrárias. Em primeiro lugar, quando as po-

3 O eminente historiador da África, Roland Oliver, descreve a "partição" do continente no último quarto do século XIX como "um ato cruel de amalgama político, onde algo em torno de dez mil unidades foi reduzido a menos de quarenta".

É possível que nos encontremos face a um novo tipo de nacionalista: talvez possamos chamá-lo "o nacionalista a longa distância".

tências imperialistas começaram a criar exércitos locais nas colônias, eles os treinaram para a finalidade de controle doméstico. Os Burma Rifles, por exemplo, eram destinados somente à Birmânia britânica e contra a resistência dos nativos a esta dominação. Em segundo lugar, por razões políticas óbvias, eles recrutavam sob bases muito etnicizadas, que favoreciam caracteristicamente minorias conservadoras e/ou cristãs: "Martial Races" na Índia, amboneses nas Índias Holandesas, karenos na Birmânia, berberes na Argélia, os ibos na Nigéria, etc. A transferência de soberania, então, criou amiúde antagonismos fundamentais e perigosos entre uma maioria étnica que controla a organização interna mais forte e maiorias ou pluralidades que clamam o poder de Estado via eleições populares e governos representativos. Mesmo onde não ocorrem rapidamente golpes de Estado, os militares são muito importantes para os novos governos nacionais, sem esquecer o imenso controle no recrutamento dentro do corpo de oficiais. É fortemente influenciado por fatores de classe e étnico-raciais, onde geralmente o índio é excluído, favorecendo os "criollos" e mestiços das classes média e superior. Alguns se surpreendem então que os militares tenham sido extensivamente utilizados na periferia para a manutenção da estrutura de poder que, apesar da retórica nacionalista, tem sido profundamente

eticizada. Ainda menos surpreendente é que o descontentamento e a rebelião contra tal *status quo* também se alinham de acordo com linhas étnicas, quase étnicas ou raciais.

Assim, apesar do fim da Guerra Fria, convergências perigosas, nascidas no último século, mostram sinais de desenvolvimento contínuo: proliferação do mercado de armamentos, mitologização dos militantes como símbolos e guardiães *sine qua non* da soberania nacional e etnicização do corpo de oficiais.

A emergência de nacionalistas a longa distância

Existem forças muito profundas de natureza econômica, social e cultural sobre as quais a liderança política, mesmo nos Estados de democracia avançada, tem apenas um controle tangencial. Para sentir estas forças não é preciso sair da Velha Europa. Basta citar Belfast que está a menos de 500 quilômetros de Londres, mas tem sido um campo de batalha nos últimos 25 anos, apesar do uso pelos britânicos dos mais sofisticados métodos contra-insurgência urbana contra o IRA e apesar de lideranças britânicas tão agressivas como Margaret Thatcher. O IRA não sobrevive somente devido a seu apelo nacionalista local e seus métodos cruéis, mas porque ele ganhou apoio político e financeiro dos EUA e no interior da Inglaterra, armas do mercado internacional de armamentos e treinamento e informações da Líbia e do Oriente Médio. Belgrado está a menos de 1000 quilômetros de Berlim, capital do Estado mais poderoso da Europa e centro da Comunidade Européia. Mas Berlim, a Comunidade e os EUA parecem impotentes face à guerra civil que destrói a Velha Jugoslávia. Belgrado é o quartel general de um exército presumidamente "nacional", que é desproporcionalmente sérvio e é agora usado para interesses sérvios e não

jugoslavos. Os políticos croatas, por outro lado, têm sido muito ativos no mercado internacional de armamentos, e conseguem recursos substanciais das comunidades de emigrantes croatas de vários países ao redor do mundo.

O que todas estas instâncias demonstram é que o nacionalismo não está obsoleto. Pelo contrário, as vastas migrações, bem como a guerra e a opressão política, romperam em profundidade o que antes parecia uma coincidência "natural" no sentimento nacional com relação ao local de longa residência na pátria. Nesse processo as etnicidades têm sido engendradas no que segue à ordem do nacionalismo histórico, mas que hoje é ligado também a tais nacionalismos de forma complexa e freqüentemente explosiva. É por isso que alguns dos maiores apoiadores dos "nacionalistas irlandeses" do IRA vivem toda a sua vida nos EUA como "irlandeses étnicos". O mesmo ocorre com muitos ucranianos estabelecidos em Toronto, tamis em Melbourne, jamaicanos em Londres, croatas em Sidney, judeus em Nova York, vietnamitas em Los Angeles e turcos em Berlim. É possível que nos encontremos face a um novo tipo de nacionalista: talvez possamos chamá-lo "o nacionalista a longa distância". Embora tecnicamente seja o cidadão dos Estados onde vive confortavelmente, mas ao qual sente-se pouco ligado, ele procura exercer uma identidade política ao participar (via propaganda, dinheiro, armas ou mesmo votando) nos conflitos de sua Heimat imaginária - agora distante apenas pelo tempo do fax. Mas esta participação sem cidadania é terrivelmente irresponsável - nosso herói não terá que responder ou pagar um preço pela política a longa distância que ele empreende. Ela é também uma presa fácil para os manipuladores políticos em sua Heimat.

4 "I" porque este tipo de política atrai mais homens que mulheres.